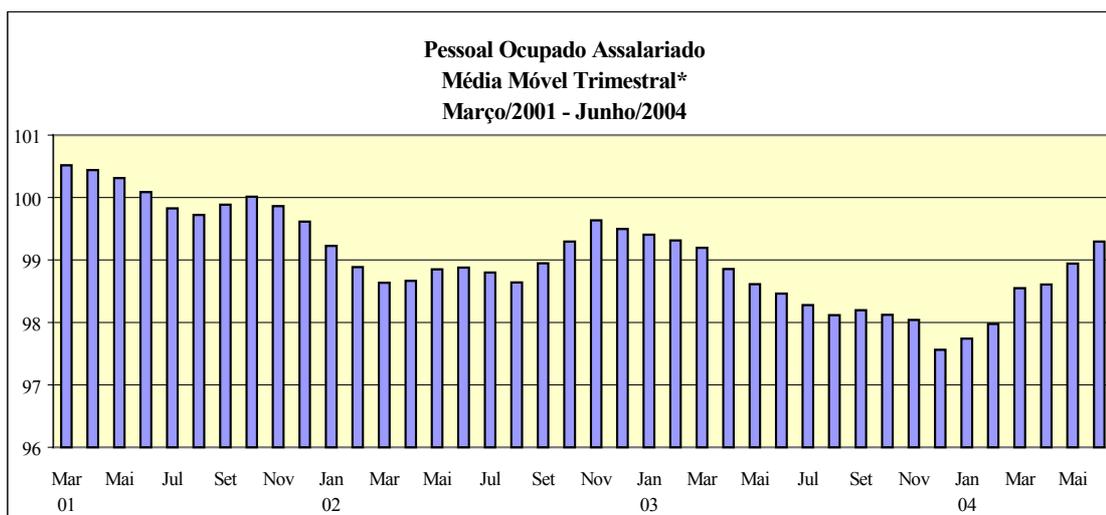


Comentários

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Pelo segundo mês consecutivo o número de contratações no setor industrial supera o de demissões, na comparação mês/mês anterior, na série livre de influências sazonais. Em consonância com o maior ritmo observado na atividade industrial em 2004, junho mostrou acréscimo de 0,5% no pessoal ocupado, após o crescimento de 1,1% observado em maio. Este movimento de expansão é confirmado no índice de média móvel trimestral, que aponta aumento de 0,4% entre os trimestres encerrados em junho e maio de 2004. Esse índice encontra-se no seu patamar mais elevado desde março do ano passado.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria

* Série com ajuste sazonal

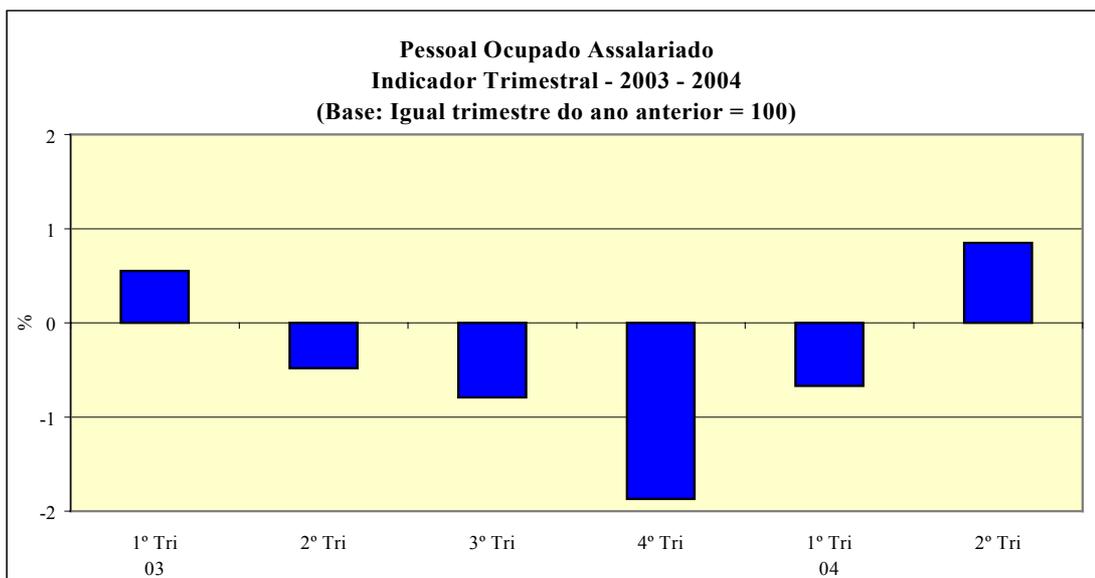
O emprego permanece mostrando resultado positivo no índice mensal (1,6%), a segunda elevação consecutiva neste tipo de comparação. Nos indicadores para períodos mais abrangentes, o acumulado no ano registra taxa de 0,1%, enquanto o acumulado nos últimos doze meses assinala decréscimo de 0,6%.

Em relação a junho do ano passado doze locais e atividades industriais pesquisadas mostram crescimento no pessoal ocupado. Setorialmente, no total do país, os ramos que, em função do dinamismo na produção, participaram com os maiores impactos positivos foram: máquinas e equipamentos (13,7%) e

alimentos e bebidas (3,6%). Por outro lado, entre as seis atividades que assinalaram redução no emprego, sobressai a influência negativa das demissões efetuadas em vestuário (-9,7%) e produtos de metal (-7,4%).

Ainda no confronto mensal, entre os locais que apontaram as principais expansões no nível de emprego, destacam-se Minas Gerais (4,6%), São Paulo (1,1%), apontando crescimento no emprego, principalmente, nos setores de máquinas e equipamentos (22,6%) e de alimentos e bebidas (10,9%); Paraná (4,4%), em razão do acréscimo de postos de trabalho em vestuário (18,7%); e região Norte e Centro-Oeste (4,2%), sobretudo, devido ao aumento da mão-de-obra em alimentos e bebidas (7,7%). Em contraposição, Rio de Janeiro (-3,7%) e Pernambuco (-5,8%) são os dois únicos locais que apresentam resultados negativos no emprego.

Na análise trimestral observa-se um aumento no ritmo do indicador, contra igual período do ano anterior, na passagem do primeiro trimestre (-0,7%) para o segundo (0,9%). Este movimento atinge doze dos quatorze locais e quinze das dezoito atividades pesquisadas. Especificamente no que se refere ao segundo trimestre deste ano, as indústrias que mais ampliaram o nível de emprego foram as da região Norte e Centro-Oeste (4,7%), Minas Gerais (3,9%) e Paraná (3,4%). Já os recuos mais expressivos no emprego ocorreram em Pernambuco (-4,5%), Rio de Janeiro (-3,8%) e Espírito Santo (-2,9%).



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

O emprego industrial, no indicador acumulado no primeiro semestre do ano, se expande 0,1%, assinalando assim o primeiro resultado positivo no ano. No corte regional, há um predomínio de taxas negativas que atingem nove

locais, com destaque para o fechamento de vagas no Rio de Janeiro (-3,9%), São Paulo (-0,5%) e Rio Grande do Sul (-1,8%). Nestes locais, sobressaem, respectivamente, os recuos vindos de produtos de metal (-30,9%), vestuário (-26,4%) e calçados e couro (-7,5%). Em contraposição, Minas Gerais com aumento de 3,6% apresenta melhor performance, seguido pela região Norte e Centro-Oeste (2,8%) e Paraná (2,2%), positivamente influenciados pelas expansões das contratações no setor de alimentos e bebidas.

Setorialmente, ainda no indicador acumulado para janeiro-junho, as admissões superam as demissões em onze ramos, com destaque para a influência positiva vinda de máquinas e equipamentos (11,7%), seguida por alimentos e bebidas (2,2%) e fabricação de meios de transporte (3,8%). Novamente respondendo pela pressão negativa mais significativa, destaca-se a indústria de vestuário, com retração de 10,5% no pessoal ocupado.

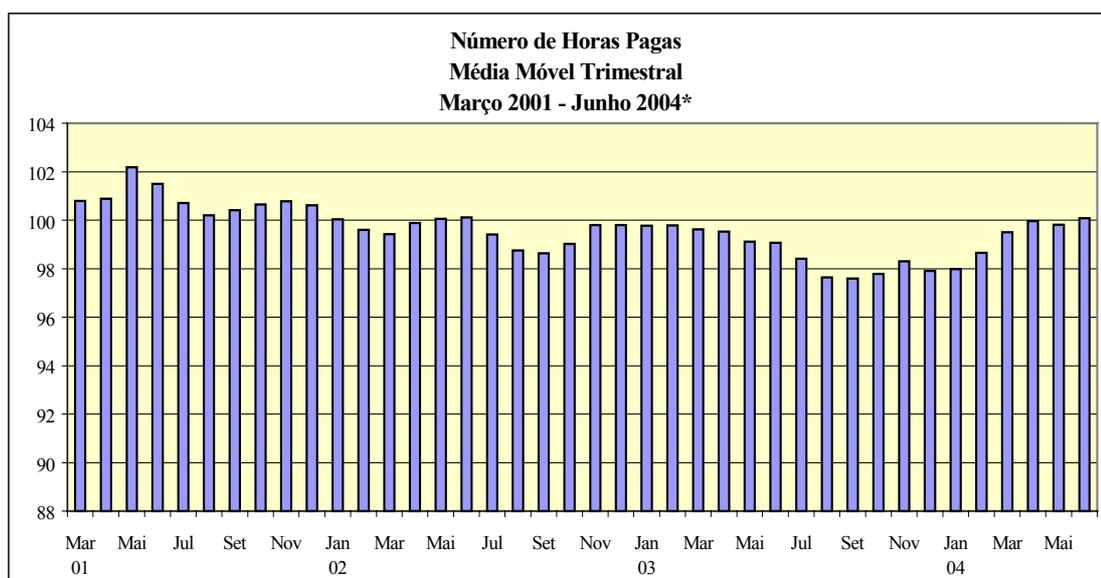
O indicador acumulado nos últimos doze meses mostra suave desaceleração no ritmo de queda do emprego frente aos meses anteriores, uma vez que registra -0,9% em abril, -0,8% em maio e -0,6% em junho. O número de demissões foi maior que o de admissões em dez locais analisados, entre os quais destacaram-se, com as principais influências negativas, as indústrias de São Paulo (-1,3%), Rio de Janeiro (-4,5%) e Rio de Grande Sul (-2,2%). Em contraposição, a região Norte e Centro-Oeste (2,7%), Paraná (2,2%) e Minas Gerais (1,3%) mais uma vez foram os locais com os principais impactos positivos sobre o emprego. Em termos setoriais, cabe a vestuário (-9,4%) a principal pressão negativa, enquanto máquinas e equipamentos (7,7%) se destaca como a maior contribuição positiva.

Em síntese, o aumento do pessoal ocupado na indústria observado em junho, tem reflexo no índice de média móvel trimestral que permanece mostrando trajetória ascendente nos últimos meses, acumulando 1,8% entre os trimestres encerrados em junho último e dezembro de 2003. Nas comparações com o ano anterior, os resultados já são positivos tanto no mensal quanto no acumulado no ano, enquanto o indicador acumulado dos últimos doze meses, mesmo ainda registrando taxa negativa, mantém uma progressiva redução no ritmo de queda.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

O total de horas pagas aos trabalhadores da indústria, em junho, aponta acréscimo de 0,9% em relação a maio, retirado o efeito sazonal. Os indicadores mensal e acumulado do ano apresentaram altas de 2,1% e de 0,5%, respectivamente, já o acumulado nos últimos doze meses permaneceu em queda (-0,5%), embora mantenha trajetória ascendente, a taxa foi de -0,8% em maio. Todos os indicadores da jornada média de trabalho foram positivos, o indicador mensal teve um aumento de 0,5%, o acumulado do ano e nos últimos doze meses registraram, respectivamente, 0,4% e 0,1%.

O indicador de média móvel trimestral, ao apontar aumento de 0,3% na jornada de trabalho, entre os trimestres encerrados entre junho e maio, retoma a trajetória ascendente iniciada em janeiro de 2004, que tinha sido interrompida pelo resultado de maio.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

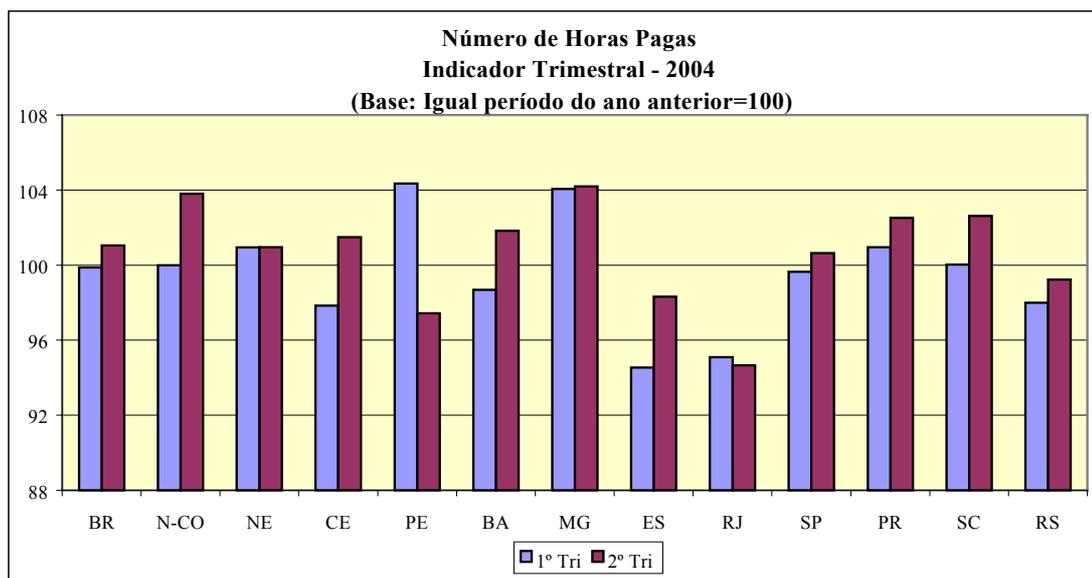
*série com ajuste sazonal

Na comparação com igual mês do ano anterior, o número de horas pagas da indústria exibe crescimento de 2,1%, determinado pelo desempenho positivo de doze dos quatorze locais e também doze dos dezoito ramos pesquisados. No que tange aos setores, os principais impactos positivos vieram das atividades de máquinas e equipamentos (14,6%), fabricação de meios de transporte (10,1%) e borracha e plástico (8,7%). Em contrapartida, as maiores contribuições negativas ficaram por conta das indústrias de vestuário (-10,2%), produtos de metal (-6,0%) e papel e gráfica (-5,3%).

No corte regional, ainda no confronto junho 04/ junho 03, as maiores influências positivas para o cômputo geral foram proporcionadas por São Paulo (2,1%), Minas Gerais (4,9%) e região Norte e Centro-Oeste (4,0%). Na indústria paulista, os maiores impactos positivos vieram dos segmentos de máquinas e equipamentos (22,9%), alimentos e bebidas (6,9%) e borracha e plástico (10,2%); e na indústria da região Norte e Centro-Oeste os ramos de alimentos e bebidas (8,5%), máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos (14,4%) e fabricação de meios de transporte (14,9%), exerceram as maiores pressões positivas. Em contraposição, as duas únicas influências negativas foram: Rio de Janeiro (-5,1%) e Pernambuco (-4,7%).

Em base trimestrais, o número de horas pagas reverte o resultado de queda no primeiro trimestre (-0,1%), ao mostrar aumento no segundo trimestre de 1,1%. Nesta passagem, as maiores alterações foram verificadas nos segmentos de fumo, que passou de 0,8% para 30,7% em decorrência de alterações no período de safra; máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos, de 0,5% para 5,9%; e outros produtos da indústria da transformação (de -5,2% para 1,4%). Em contraposição, coube a produtos de metal (de -1,7% para -7,2%) e refino de petróleo e produção de álcool (de 4,1% para 1,7%) as maiores baixas.

Entre o primeiro e o segundo trimestre deste ano, dez dos doze locais pesquisados ampliaram o índice de número de horas pagas. A região Norte e Centro-Oeste exibiu o acréscimo mais significativo (de 0,0% para 3,8%), já Pernambuco teve a maior queda (de 4,4% para -2,6%).



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

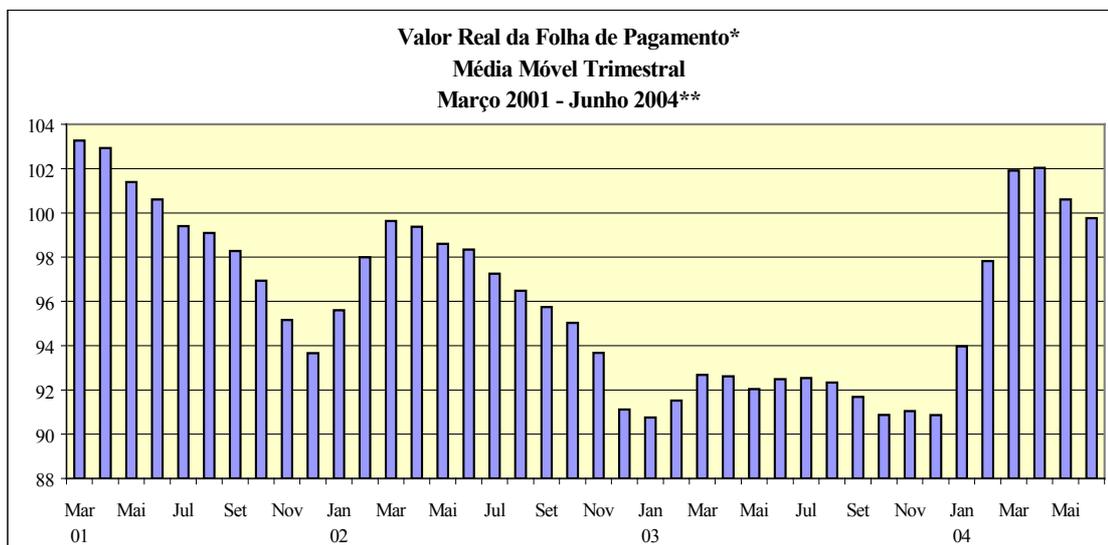
O número de horas pagas na indústria, no acumulado janeiro-junho, apresentou uma pequena alta de 0,5%. Contribuíram positivamente dez regiões e onze setores industriais. Os maiores impactos positivos, por local, foram: Minas Gerais (4,1%), região Norte e Centro-Oeste (1,9%) e Paraná (1,7%). Por outro lado, Rio de Janeiro (-5,1%), Rio Grande do Sul (-1,4%) e Espírito Santo (-3,6%), exerceram as maiores pressões negativas. Em termos setoriais, os impactos positivos mais relevantes no total do país vieram de máquinas e equipamentos (13,4%), fabricação de meios de transporte (6,4%) e borracha e plástico (5,8%). Em contrapartida, vestuário (-10,8%) e papel e gráfica (-5,0%) foram as principais contribuições negativas.

Por fim, o índice acumulado nos últimos doze meses apresentou queda de 0,5%, mas com esse resultado mantém a trajetória ascendente iniciada em fevereiro (-1,2%). As atividades de vestuário (-9,7%) e máquinas e equipamentos (8,2%) exerceram, respectivamente, as principais pressões, negativa e positiva. Já os locais que responderam pelos maiores impactos, negativo e positivo, respectivamente, no cômputo geral foram Rio de Janeiro (-5,5%) e Paraná (2,5%).

FOLHA DE PAGAMENTO

Após três meses consecutivos apresentando taxas negativas, a folha de pagamento dos trabalhadores da indústria volta a crescer na série livre de influências sazonais, atingindo 0,7% entre maio e junho. Nos demais indicadores, os resultados foram amplamente positivos: 8,4% no índice mensal, o segundo trimestre de 2004 registrou acréscimo de 8,1% sobre igual período de 2003, e os índices acumulado do ano e dos últimos doze meses cresceram 8,9% e 3,1%, respectivamente. Em relação à folha de pagamento média, os resultados continuam positivos: 6,7% no mensal, 8,8% no acumulado do ano e 3,8% nos últimos doze meses.

O indicador de média móvel trimestral mostra que os resultados da folha de pagamento, no início de 2004, foram mais elevados, por conta da redução da inflação e do pagamento de benefícios, enquanto que os trimestres encerrados em maio e junho foram mais baixos. Porém, mesmo apresentando ligeira redução entre maio e junho (-0,2%), o nível da folha de pagamento real é 7,9% superior ao registrado em junho de 2003.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

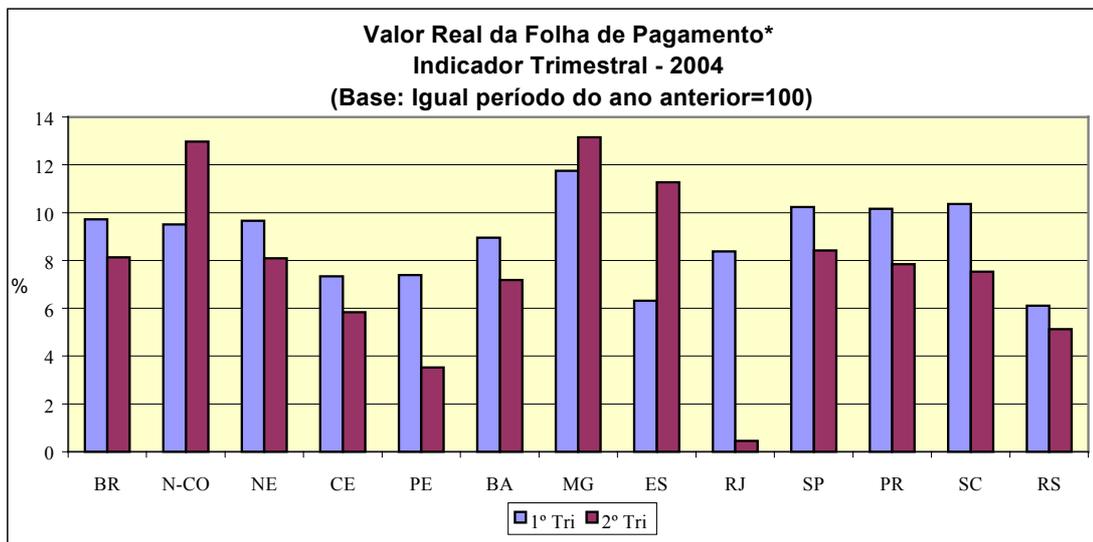
*deflacionado pelo IPCA-IBGE

**série com ajuste sazonal

No confronto mensal (8,4%), os quatorze locais e quatorze das dezoito atividades registraram aumento na folha de pagamento. Os estados de São Paulo (9,0%) e Minas Gerais (10,5%) representaram as principais contribuições positivas no total do país, enquanto Pernambuco apresentou a taxa de crescimento de menor magnitude (2,4%). Os impactos positivos sobre a folha destes estados foram verificados, sobretudo, nos setores de máquinas e equipamentos (53,4% na indústria paulista), metalurgia básica (18,6% na indústria mineira) e papel e gráfica (43,1% na indústria pernambucana).

No total do país, sobressaíram as influências positivas de máquinas e equipamentos (30,8%), alimentos e bebidas (10,1%) e fabricação de meios de transporte (7,4%) como as mais importantes para o incremento do valor da folha de pagamento. Do lado contrário, as quatro atividades que apresentaram taxas negativas foram: produtos de metal (-10,2%), vestuário (-5,7%), têxtil (-3,0%) e minerais não-metálicos (-2,1%).

Em bases trimestrais, registraram-se resultados positivos para o total da indústria, sendo observado, porém, recuo no índice na passagem do primeiro (9,7%) para o segundo trimestre de 2004 (8,1%). Este movimento foi acompanhado por nove (excluindo as regiões Sudeste e Sul) das quatorze áreas, sendo que Rio de Janeiro (de 8,4% para 0,5%) e Pernambuco (de 7,4% para 3,5%) foram os locais em que isso foi mais evidente, como pode ser visto no gráfico abaixo.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria
* deflacionado pelo IPCA-IBGE

Setorialmente, doze atividades apresentaram resultados inferiores no segundo trimestre em relação aos apresentados no primeiro, sobretudo extrativa mineral e produtos de metal, que passaram de 21,1% para 9,6% e de 0,9% para -9,5%, respectivamente.

No acumulado do ano, o acréscimo de 8,9% na indústria geral foi acompanhado por quinze ramos, entre os quais sobressaíram, com os principais impactos positivos, máquinas e equipamentos (29,9%), alimentos e bebidas (8,7%) e fabricação de meios de transporte (8,6%). Em contraposição, têxtil (-8,7%), produtos de metal (-4,3%) e vestuário (-3,2%) novamente representam as contribuições negativas. Na análise regional, todos os locais apresentaram variações positivas, com destaque para São Paulo (9,3%) e Minas Gerais (12,4%).

Por fim, o indicador acumulado nos últimos doze meses apresenta uma trajetória ascendente, com resultados positivos observados nos últimos três meses: 0,8% até abril, 2,0% até maio e 3,1% até junho. Entre as áreas investigadas, apenas o Rio de Janeiro ainda apresenta diminuição no valor da folha de pagamento (-1,7%).

Em suma, os resultados positivos no total da folha de pagamentos, nas várias comparações, sugerem que a recuperação dos rendimentos é consequência do maior dinamismo observado na produção e da manutenção dos índices de preços em níveis reduzidos.